



Gaiato

Pto
D.
Rua
P 0

23126



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

11 DE SETEMBRO DE 1965
ANO XXII — N.º 561 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AV. NCA * QUINZEIMA
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

África

nais. Que pena! Que pena eu tenho deles e do múltiplo prejuízo que esta ignorância nos acarreta! Os circuitos turísticos tradicionais significam: divisas que saem; um não-acréscimo de cultura — que raras vezes é procurada e menos ainda conseguida; e, sobretudo, o desperdício de uma oportunidade de amar o que é amável em si mesmo e porque nosso.

Há meses, um médico amigo, lá no nosso canteirinho «à beira-mar plantado», contava-me de como ocupara as suas últimas férias numa viagem a Cabo Verde. Ao tratar das passagens, quando na Agência revelou sua intenção, primeiro ficaram boquiabertos, depois um pouco escarminhos, pois nunca lhes aparecera um português disposto a passear aquelas nossas Ilhas. E, no entanto, o nosso doutor não estava arrependido do emprego dado aos seus dias de lazer. Foram duas horas deliciosas a ouvi-lo relatar. E pena tenho de ainda me não ter sido possível ver as muitas fotografias que constituem o seu documento comprovativo do tempo feliz que Cabo Verde lhe proporcionou. E disse mais: Que portugueses em turismo, não encontrou lá nenhum; mas alemães, e até japoneses, sim. É pena! (Digo pena, para não dizer vergonha!)

Pois, Angola, imensamente maior, reserva-nos, como é natural, imensas mais surpresas. Se Lord Byron tivesse conhecido a Serra da Gabela e a tivesse subido desde o mar ao encontro das suas quedas de água, da sua vegetação luxuriante, dos seus miradoiros indescrevíveis, era capaz de lhe ter dado, em vez de a Sintra, a classificação de «paraíso terreal».

Este ano, porém, uma outra causa acrescentou a nossa alegria, pela contemplação das belezas que Deus fez e nos entregou... — nozes a quem ainda os dentes não nasceram. (Talvez estejam nascendo agora... Mas foi preciso um forte estremeção!). São as estradas: as estradas a dizer da presença operante dos homens e a permitir-lhes a vitória sobre a distância — condição material de um sentido de posse, que é um valor mais alto, espiritual.

«Angola é nossa» — cantava-se para aí... Palavras só por si vazias! Mas este esforço de penetração, de comunicação entre os lugares onde a presença humana se realizou mais densa, por razões económicas ou geográficas, em que nós vemos dons do Criador às criaturas — isso já o vento não leva como às palavras! É a posse a concretizar-se realmente em suor, o qual favorece a fecundação que só o amor é capaz, em verdade.

Creio ser esta a explicação do contentamento que transbordava de nós, Padre Manuel António e de mim, ao chegarmos a Benguela de uma viagem a Nova Lisboa que nos demorou tanto como de Paço de Sousa a Setúbal — e nos cansou menos! Como, dias após, nova experiência semelhante na ida de Benguela a

Continua na SEGUNDA página

Depois que regressámos de Moçambique, duas grandes viagens pelo interior desta querida Angola me renovaram a experiência do encantamento produzido pelas belezas naturais de que nem suspeitam inúmeros portugueses que gastam seu tempo e seu dinheiro na banalidade dos circuitos turísticos tradicionais que esta ignorância nos acarreta.

Aqui, Lisboa!

Temos necessidade de voltar a esclarecer. As nossas Casas não se destinam à correcção de «meninos maus». A todas as horas nos aparecem pais ou familiares aflitos, párocos ou outras pessoas bem intencionadas, no sentido de acolhermos crianças mal comportadas, que fogem à escola, que são rebeldes, que se tornam insuportáveis aos outros, que são um perigo, etc., etc., no dizer dos que nos procuram. Há aqui, porém, engano rotundo e deveriam bater a outras portas.

As nossas Casas são exclusivamente para crianças abandonadas, sem família ou em perigo moral grave por mau funcionamento desta. Que o comodismo de uns, a preocupação de outros, a abdicação das responsabilidades de muitos ou o sentimentalismo de alguns não entendam, disso não temos nós culpa. Demais, não podemos mudar a natureza das Casas do Gaiato...

* * *

Aos nossos Amigos recomendamos as oficinas. Elas são a escola onde se cultivam muitos dos nossos. O esforço desenvolvido no sentido de os valorizarmos visa, além do grangear do pão de cada dia, dotar os Rapazes de meios que lhes hão-de permitir, amanhã, encarar as dificuldades da vida e prover ao seu sustento. A carpintaria, a serralharia e a tipografia, sobretudo, estão aptas a realizar, qualquer tipo de tarefas, sem concorrência desleal e fornecendo os orçamentos solicitados. O trabalho foi sempre uma fonte de riqueza e, segundo a pedagogia de Pai Américo, elemento assaz preponderante e activo na formação dos que nos estão confiados.

* * *

Estamos necessitados de uma Senhora, disposta a entregar a

Continua na QUARTA página

MALANJE

Estamos na via dolorosa da nossa Casa-mãe. São os acabamentos — demorados e pesados como capacete de chumbo. Dou voltas. As migalhas vão chegando! São as migalhinhas abençoadas do repartir do pão! É o bafo quente daqueles que se debruçam sobre os problemas dos outros.

...Eu tenho pão, toma metade!

Eu tenho um carro, aceita boleia!

Eu tenho supérfluo, é teu porque estás em necessidade.

Na vida quotidiana — o Evangelho — derretido em amor. Semente de esperança! Semente de inquietude!

Deixem passar a hezeza!

* * *

A Companhia de Artilharia n.º 429, no regresso à Metrópole, ofereceu-nos seis mil escudos — produto das suas economias. Também do Bata-

lhão, agora em serviço em Malanje, temos recebido tanta ajuda! O seu orfeão oferece um espectáculo «a favor dos Gaiatos». Contamos com o «Turismo» cheio — não faltem.

A nossa gratidão.

* * *

Continuamos a receber provas de muito carinho. Continuamos a pedir ao Senhor por todos aqueles que nos ajudam. Embora pequeno, o vosso auxílio representa tanto, digo, quase tudo — na nossa vida! Onde não há orçamentos, nem medidas, nem verbas marcadas! Mas uma grande confiança no Senhor que vai despertando no coração de cada um o dever de ajudar.

* * *

O tractor da Sonefe tem feito maravilhas na nossa quinta — picadas abertas,

mata derrubada. A Sacor, Fina, Mobil e Shell ajudaram-nos a sustentar a bisarma de gasóleo.

* * *

Temos tido muitos visitantes: Alguns deixaram roupas. Outros donativos. Um grupo, Cont. na QUARTA página



QUATRO FLORES NUM JARDIM ANGOLANO: A CASA DO GAIATO DE MALANJE.

APROVEITAMENTO ESCOLAR

Vai por esse mundo uma ânsia de promoção, legítima ou exagerada, que nem sempre alicerça em mais elevado nível de instrução.

De há anos que a possibilidade do ensino médio tem atingido mesmo os mais humildes e nós não a desperdiçamos. Porém, se sempre queremos dar ao rapaz a possibilidade de subir, há razões restritivas que tornam diminuto o número daqueles que ano a ano vão estudar. A primeira das quais é a exigência dum somatório de qualidades essenciais, que em rapazes da rua é difícil obter. Outra e essa sintomática, o embotamento intelectual dos vindos da miséria que hoje já vão diminuindo em nossas Casas, pelo recurso à Assistência Psiquiátrica. E ainda a falta de frequência escolar daqueles que contaram muitos anos perdidos no caminho que os trouxe a esta Casa.

Entre estes começamos por apresentar os nossos irmãos Gíngas, o Constantino e o Faustino que em três anos aprenderam o suficiente para um bom exame. O Constantino já seguiu para a vida militar com um ano de atraso.

O Faustino quer seguir no estudo, mas a pronúncia dialéctica não o abona perante professores de portugueses.

Vinte fizeram este ano o exame como adultos, se bem que bom número estivesse condenado por quem prezava mais o seu nome de mestre que a figura dos alunos. Verdade que nenhum desdisse de quem os ensinou. Ocorreram até dois casos interessantes que mostram a segurança de habilitações dos nossos rapazes.

Um na quarta classe. Cedeu a um equívoco da examinadora que lhe quis evitar um erro. O rapaz depois de dar a sua interpretação dum problema, como a discussão demorasse, corrigiu mas não convencido. Mal pôde sair da sala de exame, correu ao seu professor. Este confirmou o equívoco da professora e foi junto dela esclarecê-la. Esta não teve palavras para pedir desculpa ao rapaz que, com uma delicadeza espontânea, a deixou mais confundida: «Eu compreendo que a senhora não tenha visto hem, porque anda cansada com tantos exames. E, além disso, errar é humano». Ganhou pela ciência e pela delicadeza.

Outro no final do exame de admissão ao Liceu ouviu a examinadora dizer: «Ó rapaz, podes dar os parabéns ao teu professor».

Também nós lhos damos aqui. Foi incansável. Vinte a exame de adulto. Vinte a quarta classe normal. Preparação de quatro admissões ao Liceu. E de nove para o primeiro ciclo, exigiu-lhe muito esforço que só encontra fundamento na sua grande generosidade. Bem haja.

Na admissão um reprovou e vai tentá-la ainda à Escola Técnica. Dos quatro que foram a provas do segundo ano, só dois as concluíram. Os outros só tarde repararam no bem que deixavam fugir. A um tenho muitas vezes surpreendido, depois da meia noite, agarrado aos livros, mas vencido pelo sono...

No ensino médio ainda, o Oliveira acabou o Curso Industrial de Tipógrafo-Impressor com bom aproveitamento.

O Tavares foi, como no ano passado, o melhor, conseguiu dispensa de exames a todas as disciplinas excepto uma.

Aguarda seguimento para Angola como estagiário numa exploração agrícola. O Palio passou ao quinto ano embora sem frequência na última época devido às operações de correcção óssea a que foi submetido.

O Lindoso fez o Curso Auxiliar de Enfermagem.

Mas dos outros que temos de dizer? Que o Rui teve de deixar a Escola Agrícola de Santo Tirso por cácula, que o Raúl mais «Caneco» recolheram a Casa no final da segunda época pelo mesmo e que o Orlandito apesar da boa vontade, pois só à noite pode estudar, chumbou redondamente no quinto liceal.

Se bem que os resultados não sejam animadores, creio que os piores são o melhor exemplo para os que este ano começam no Colégio João de Deus, onde o seu Director não se cansa de nos receber.

Padre José Maria

«Jesus manso e humilde de coração fizeti o meu coração semelhante ao Vosso».

Não é para nós mesmos que agimos, mas para Deus e para os nossos irmãos, os Pobres! Embora nunca consigamos a perfeição nas nossas obras, devemos no entanto caminhar nesse sentido. Senão fosse uma Fé inabalável no Senhor, nada se fazia nesta intenção devido às contrariedades, que de dentro e de fora, surgem áqueles que se dedicam aos Pobres. Aqui, neste lugar, onde se anda a construir a casa incendiada, para condignamente ser habitada pela família sinistrada, não calculam, os Senhores, a polémica que se levantou, por aqueles que também se dizem necessitados! Mas há necessidades que é preciso resolver o mais depressa possível, como foi agora este caso. Por isso, com toda a



satisfação, venho dizer a todos que colaboraram comigo, que quando este artigo entrar em vossas casas, já esta família estará cheia de alegria, naquilo que é seu, porque vós, Amigos, assim o quisestes! De que me servia a minha boa vontade sem o vosso auxílio?

A casa tem apenas dois quartos, uma sala, a cozinha, e uma corte para os animais domésticos. Como vêm o indispensável, e no entanto, a despesa foi muito além do que eu pensava. São 50.000 os leitores do melhor jornal — «O Gaiato» — e só uma dezena correspondeu ao meu apelo, todos de Lisboa, a não ser uma Senhora de Inglaterra, outra do

Porto, e outra de Leiria. Por isso, peço a quem ainda se não desobrigou, — e são tantos ainda — que o façam por amor de Deus, tirando-me da dívida que ainda é de 5.000\$00. Das encomendas que nos fazem, nada posso tirar, porque é para pagar os preparos para a confecção das mesmas, e pagar a quem as faz. Por isso, continuo a esperar que o banco de Deus se abra, que é a vossa generosidade.

Aquela amiga de Lisboa, que se assina «uma mãe», digo que a missa que mandou celebrar por alma de D. Lucinda Martins no dia 17 de Agosto, foi celebrada realmente pelo Sr. P.e Vieira nesse dia.

Pedia também a todas os leitores o favor de quando escreverem mandarem o seu endereço completo, porque há casos que seria melhor responder directamente do que publicar no jornal.

M. A.



FESTAS — Ao anunciar, de longe, as nossas festas, dissemos que eram uma reunião de amigos. Não foi outra coisa a festa no Monumental de Benguela. E foram tantos os que encheram a sala!

Muitos já nos conheciam e nos amavam. Outros conheceram-nos pela primeira vez e ali mesmo se apaixonaram pela Casa do Gaiato e a tomaram como sua. Saíram todos mais amigos dela. O ambiente foi tão bom que deixou «fome» de mais nos que estiveram presentes e tristeza nos ausentes por terem perdido momentos de tamanha beleza.

Por isso nos pedem que voltemos ao Monumental!

A nossa Aldeia — A Casa-Mãe vai crescendo. Sobee devagarinho... mas vai subindo. O seu crescimento é condicionado pela tua generosidade. Depende de ti. Entretanto, os materiais vão chegando. Repara: 100\$00, de pessoa amiga, para «2 tijolos para a casa». 5 sacos de cimento, de um pai que busca com sacrifício, o pão de cada dia para si e seus filhos; 150\$00 e «sempre que me fôr possível estarei presente, para continuar a Obra benemérita do grande apóstolo Padre Américo».

Mais 25\$00; mais 50\$; mais 10 sacos de cimento e transportes de materiais; 120\$ e «um abraço para os mais pequenos». Em Casa, 100\$00. Mais uma pequena lembrança doutros 100\$00 e, em troca, uma oração. 500\$ para mais tijolos. Alguém se esconde no anonimato e manda 250\$00.

Outro tanto, do Lobito e 100\$00 da Catumbela. Mil da C. B. e 500+500 de J. D. A. e 300\$00 de um anónimo. Duas camionetes de brita, de dois amigos. Serrações amigas abrem-nos as portas.

P.e MANUEL



Os rapazes! O tractor! A brita para a nossa Aldeia! A Obra é deles, para eles e por eles.



ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

Malanje, 753 Kms. feitos de um só lance, saindo de Casa ao romper do dia e chegando a Casa à hora do jantar!

Começa o fim do tempo heroico para os homens que asseguram a comunicação de vida nesta grande Angola. Para os amantes de aventuras sempre restarão caminhos possíveis neste milhão e duzentos mil quilómetros quadrados. Para todos principia um tempo que há-de necessitar, em cada dia, de muitos outros heroísmos — que a manutenção da posse não é menos exigente do que a sua gesta!

Oxalá todos saibamos canalizar para o amor fecundo as energias que progresso material vai libertando. E Angola será nossa!



O ano escolar que começa no próximo Outubro vai ter matriculados mais de quarenta rapazes daqui.

Pode parecer banal esta notícia mas não é. Eu dou-a num rejubilar cheio de esperança. São quarenta rapazes que descobriram já a sua riqueza. O valor dos talentos! A riqueza das suas faculdades!... E começam a saborear o desenvolvimento da sua aptidão para a vida. O homem a querer encontrar-se consigo próprio e a descobrir-se!...

Hoje, que grande parte das lições da vida são falsas e levam o homem a fugir de si e a procurar futilidades, entre rapazes que foram no seu início vítimas desta fuga e produto desta mentira, ter quarenta decididos a remar contra a corrente é motivo de redobrado júbilo.

Mais de vinte deles, sem terem férias nenhuma, farão todos os dias as oito horas de trabalho em oficinas nossas ou de fora e frequentarão os cursos nocturnos da Escola Industrial e Comercial. É preciso ser-se valente, mas são os valentes que vencem, rapazes!...

O ano passado, entre vinte e tantos, três reprovaram mas em compensação quatro galgaram dois anos num só. Foi sobretudo o exemplo destes que muito encorajou os restantes. Mostrou-lhes em concreto que querer é poder. Ajudou-os a vencer um complexo terrível arraigado no espírito de muitos: «que não tinham cabeça para estudar».

Eu tenho-lhes falado muitas vezes do seu valor pessoal, da obrigação que todos temos de desenvolver e aperfeiçoar a riqueza natural que Deus nos deu, de como me é fácil arranjar bons lugares e bons empregos para os que tiverem cursos. Sempre que a vida me dá uma oportunidade para lhes ensinar a vencer e a vencerem-se aproveitaram com o máximo de rendimento de que sou capaz. Graças a Deus os resultados estão à vista! Vamos invadir a Escola, o Liceu e o Colégio que nos franqueia as portas!

Qualquer iniciativa de ordem cultural é sempre muito difícil de vingar entre nós. Os rapazes, como aliás os jovens, têm medo do esforço intelectual e este não lhes traz as imediatas compensações que eles desejam, por isso necessitam imenso que os ensinemos a ver e a sentir a inesgotável fonte de riqueza escondida no seu interior.

É também causa de desânimo e desleixo interior o enfraquecimento da vontade que vem aos jovens sobretudo por má educação sexual e afectiva. A procura do imediato neste campo é a sua grande tentação. Os sacramentos são a grande força! Com eles, na abundância da plenitude dos tempos, é muito mais fácil vencer!...

O ano lectivo que aí vem, vai dar-me mais preocupações, mais trabalho e vai exigir mais. Os rapazes, como todos os jovens, necessitam de uma discreta vigilância que nunca pode faltar, sob pena de fracasso. A entrada, a permanência e a saída das aulas começa às oito e termina às 24 horas. Eu preciso de andar por lá muitas manhãs e muitas noites! Por isso e por um sem número de motivos, adquiri há dias uma carrinha. Comprei-a com os vinte mil que alguém me deu, mais as duas salvas de prata que renderam 8 contos e meio, mais 5 que outro amigo me mandou, mais os vinte, os cinquenta e os cem que chegam de vez em quando e a ajuda com que a empresa vendedora participou.

Agora um pedido. Livros. Livros que o dinheiro não chega para nada. Quem me manda livros bons e úteis?

Podem ser usados, não importa. Precisamos deles para os primeiros e segundos anos de serralheiros do curso nocturno, electricistas, carpinteiros, auxiliares de laboratório, geral de comércio, também da noite. Para o 5.º ano do Liceu, para cinco deles. Para o 2.º ano do ciclo da Escola, para o 4.º e 5.º anos de carpinteiros e serralheiros do curso diurno. Quem manda?

Fico à espera.

P.e Acílio

Calvário

Tão pequena ela é! Tem onze anos feitos! Mas caiu dum muro, fracturou a coluna e encontra-se inobilizada. Uma vida truncada. Ainda se houvera leite e posses para a acarinhar, bem era. Mas não. A falta de recursos humanos agrava o penar desta pequena que Deus escolheu para nela sofrer. Ele sofre, e muito, em tantos que nos rodeiam. E nós, raramente O vemos.

Vou hoje buscá-la para o Calvário. Desejo ir com o mesmo passo e com a mesma fé com que de manhã me abeirei do altar. Não quero que sejam razões de pura humanidade as que me fazem ir ao encontro desta criança. Quero muito ter fé. Muito me firo quando me encaram como agente de actos humanitários. Um cristão nunca faz feio pelo facto de ir ao encontro dos outros quando eles sofrem. É Cristo que chama. Quero pois ter fé. E tudo o mais que praticar será uma resultante do acto que anseio fazer diante de todo o caído em que o Senhor se esconde.

A nossa agenda guarda a presença dos que nos mundam seus óculos, tão variados, tão amigos, tão cheios de fé na presença do mesmo Senhor, que eu desejo encontrar esta tarde na Beira Litoral.

Ele parece mal vir tão atrasado, mas ainda são presenças de Janeiro. A primeira é dum senhor do Porto com 300\$00 e alguns sacos de pão.

As vezes que este amigo aqui vem não têm conta. Precisa de vir — diz ele, sempre que O faz. Outros também vêm, porque precisam de O fazer, mesmo sem darem conta. Alfredo com 60\$00. Pecadora que espera protecção de Deus. João de Pavia com cem. Rosalina com 300\$00. Emília de Jesus com mil, esperando do sacrifício que faz, a conversão do marido. Senhoras do Banco de Portugal com 60\$00 todos os meses acompanhados dum «para os nossos irmãos doentes». Doente que já descansa em Deus, ainda continua a vir, na pessoa da esposa. Abade com 60\$00 e outro com 50\$00. Amigo do Porto com 500\$00. Visitas com cem. Humilde portuense com 250\$ dumavez e 40\$00 de muitas outras. Maria, de Aleoabaça, do Colégio N. S. de Esperança, com 500\$00. Alguém que se esconde com «oferta para o Calvário». Antonieta tem sido assídua todos os meses com cem. Maria Vitorina com 200\$. Lídia com 500\$00. Maria do Carmo com 210\$00. Justino com 50\$00 e Manuela Pinto

com cem muitas vezes. Maria Tomé com 75\$00. Oporto Ladies Guild com 1.000\$00. Esta última presença vai criando tradição. Emília Couceiro com 200\$00. Elvira com cem. Noémia com mais 150\$. Senhores do Porto com 500\$. O avô continua a assinalar os meses do neto com 50\$00. Vai já em 55 meses! «Portuense qualquer» nunca deixa de comparecer. Manuela Mingot com cem. Delmira com 5.000\$00. O quinto ano — turma A — 200\$00. «Humilde portuense» não se cansa. Ora com cem ora com 200\$00 pela saúde de seu bom marido. Alguém «que acredita e confia na Providência» com 1.000\$00. A Fundação Gulbenkian deu-nos algum material para o nosso consultório médico. Maria de Lurdes, de Bragança, com 1.000\$00. Maria Helena com 150\$00. Senhores do Carvalhido com 500\$00. Por alma de M. Sampaio, cem. Professor das Caldas, com 50\$00. Isaura com 80\$00. Médico que nos visita com 1.000\$00 e outro com 50\$00. Inválida do Porto que nos chama para a visitarmos, entrega 1.000\$. Peccador com 30\$00. Cacilda com 500\$. Berta de Lisboa, com 400\$00. Senhora do Douro—M. S. F. A.— com 6500\$00. Todos são tocados com o jeito do Mestre, e nem dão fé de Quem os faz desfazerem-se daquilo que dão. Doente de Lisboa com cem. Emília de Lisboa com 500\$. Irene com 300\$.

P.e BAPTISTA

Esta criança hidrocéfala, sorrindo, diz quanto é amada por seus irmãos no «Calvário».



Auto-Construção

Foi na Rua Pedro Nunes, em Lisboa. Tínhamos recebido uma carta dum homem muito sincero, muito interessado em saber algo de Auto-Construção. É um militante das boas causas. Acredita e tem a coragem da acção. Soube deste movimento e procurou saber. Fomos lá. Uns compartimentos muito pequeninos como são, regra geral, os das casas onde vive a população das cidades. Pouco espaço, pouco ar, pouca luz; mas, em troca, bastante asseio. Mobília boa e escolhida com gosto. Perguntou e falámos de Auto-Construção. Ia ouvindo, ia acreditando, dizendo que sim, que era muito bom, mas que, para ele e para muitos da sua classe, não era possível. «Sabe, se fosse quando era solteiro, quando era novo, então sim. Tinha poucos encargos, não pagava renda de casa, não tinha compromissos de maior. Mas agora a vida é outra. Pago renda de casa bastante cara, tenho esposa, tenho filhos, trabalho muito longe daqui e há, por isso, que contar com a despesa dos transportes. Ou uns ou outros membros da família têm de tomar remédios da farmácia. A vida está cada vez mais cara. Ao fim do mês não posso tirar qualquer importância para construir uma casa. Se fosse quando não tinha tantos encargos, então sim...» Não sei já muito bem o que disse aquele homem bom, com certa idade, com bastantes

desilusões, com muitas e variadas dificuldades mas ainda com profunda fé e grande coragem. Certamente ouvi muito mais do que disse. Aquela hora para mim era decididamente hora de ouvir, de aprender. O que pensei e que digo aqui é ser indispensável aproveitar a juventude sob pena de surgirem depois problemas insolúveis. É preciso aproveitar os tempos livres que todos têm; é preciso aproveitar o dinheiro livre — passe a expressão — em ordem à construção de casas pelos nossos jovens e para os nossos jovens. Se assim for na idade dos dezassete aos vinte e um anos, depois será uma verba mensal muito importante a menos e uma vida muito diferente. Um dos fins mais humanos de Auto-Construção: Oferecer uma oportunidade aos nossos jovens de empregarem algum tempo, algum dinheiro, na construção das suas próprias casas. Enquanto se é novo será incomparavelmente mais fácil.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

P.e FONSECA

Visado pela
Comissão de Censura



PELAS CASAS DO GAIATO

Lar do Porto

Caros leitores, hoje o nosso Lar tem lugar no «Famoso». Nele vou relatar o seu momento actual.

Ele podia estar muito mais bem constituído se todos os rapazes, que dele fazem parte soubessem portar-se como deve ser.

Somos presentemente nada mais nada menos que dez rapazes.

Agora a partir de Outubro ele abrirá as suas portas a mais alguns para estudar, outros para trabalhar e assim todos unidos faremos uma grande família.

Vou fazer um pedido. Se algum dos nossos leitores tiver livros do 1.º e 2.º ano do Liceu respectivamente, não se esqueçam do Lar do Porto.

Sem mais, termino esta nossa crónica aguardando a colaboração dos nossos leitores, quanto ao nosso pedido.

Conferência

Prezados leitores, aqui estamos uma vez mais escrevendo para o «Famoso» para nele vos fornecer notícias acerca da nossa Conferência.

Donativos recebidos referentes à nossa última crónica: Assinante n.º 9059, 900 escudos. Assinante n.º 3052, 20\$00. D. Fernanda, 50\$00 e de uma Licista, 20\$00 em selos.

Quanto aos subscritores é que fomos mais infelizes pois só tivemos um de uma senhora da Rua João de Deus, que ficou a dar 10\$00 mensais.

Todas estas pequenas ofertas nos fizeram grande jeito, mas não esquecer, que praticamente a nada chegou pois temos inúmeros Pobres a socorrer.

Mais uma vez volto a lembrar de que se houver algum dos nossos leitores interessado em ser nosso subscritor, basta enviar nome, morada e quanto pretende dar por mês e entregar a algum vendedor nosso ou então telefonar para o nosso Lar — N.º 21352.

Henrique Manuel

MALANJE

Começou o sábado, fresco e radioso. Todos se dirigiram para os seus respectivos trabalhos. Às 10 h. souo o sino e todos largaram os seus trabalhos, alegres e satisfeitos porque era dia de festa para nós. Todos se lavaram e vestiram os seus fatos domingueiros, uns prepararam a mesa, outros o altar, outros ajudaram na cozinha, etc..

Depois de tudo pronto, dirigiram-se todos para a capelinha onde três dos nossos irmãos, receberam o Baptismo. São eles o Francisco, o André e Eduardo, sendo padrinhos respectivamente o Senhor José, Fernando e Neca e a madrinha a Emília.

Foi com grande alegria que vimos os nossos três irmãos fazerem-se filhos de Deus e membros da Santa Igreja.

Seguiu-se a Santa Missa celebrada pelo Senhor Bispo, à qual

assistimos todos, e durante Ela pedimos ao Senhor para que derramasse abundantes graças sobre os baptizados e nos ajudasse nas nossas tarefas e a suportá-las com paciência.

Depois da Santa Missa houve um pequeno intervalo. Seguiu-se o almoço, no qual tomaram parte Sua Ex. Rev.ª D. Pompeu, Sua Ex. o Senhor Governador de Malanje, o Senhor Comandante do Exército e Sr. Presidente da Câmara. Todos comeram com apetite. No fim o Senhor D. Pompeu proferiu um pequeno discurso que foi aplaudido por todos. Depois da refeição todos faziam de vários assuntos e com alegria.

Por volta das 16 h. souo de novo o sino, para aproveitarmos este resto do dia para fazer algum trabalho que fosse necessário.

Pelas 18 h. terminou o trabalho e todos estavam alegres e bem dispostos, porque tínhamos tido um dia de festa e, além disso, no dia seguinte era domingo, mais um dia de descanso.

A noite desceu escura e fresca, convidando-nos ao sono. E assim terminou um dia de alegria e satisfação para nós.

Manuel F. Afonso

Ericeira

Daqui fala a Ericeira!

Caros leitores! Estamos mais uma vez a dar-vos notícias das nossas férias em S. Julião da Ericeira.

Estas têm decorrido no melhor dos ambientes, embora o tempo, por vezes, tenha estado fresco e assim os rapazes mostrem certa preguiça para o banho. Mas no geral tudo nos tem agradado.

A nossa casa, bela e bem situada, dá-nos a alegria de que necessitamos: ar, sol e mar tudo se conjuga para nos proporcionar dias agradáveis.

Enquanto aqui estivemos, vários acontecimentos se passaram; assim no dia 4 relembrámos a ordenação sacerdotal do Senhor Padre Luiz.

De manhã assistimos à Santa Missa celebrada pelo Senhor Padre Sobral na colónia balnear Dr. Mário Madeira. À noite fizemos um pequeno sermão familiar que durou até às 23.30. Além de muitas coisas agradáveis, saboreámos um pouco de arroz doce. Embora faltasse a presença do «pai», não faltou a alegria.

Após breve oração, deitámo-nos em nossas camas, cansados de tanto rir.

Junto de nós estão Seminaristas que além da responsabilidade geral, alegam a nossa colónia com as suas canções, ornamentações e outras coisas que testemunham a sua amizade por nós; e então quando há serões, é de morrer a rir!...

Como todos os anos, continuámos a ir à praça à Ericeira. Talvez devido a circunstâncias pouco favoráveis à agricultura, a fruta é escassa, assim como hortaliça e outros legumes, todavia o pouco que nos dão é de boa vontade e o Senhor recompensá-los-á com o seu obrigado!

Não quero deixar de assinalar algumas Senhoras nossas amigas

aqui da colónia que além da sopa nos oferecem peixe, frutas e outras coisas que nos fazem muito jeito. Do mesmo modo atesto a visita dum outra nossa amiga que, depois de testemunhar a sua alegria, deixou em nossas mãos 1.000\$00. Bem haja!

E tu, leitor, se ao domingo estás disponível, porque não vens até nós? Garantimos-te um passeio interessante, podes crer!

Música não nos falta.

De noite quando começa o silêncio e quase toda a «malta» dorme, o «Chinês» começa com a sua canção de ressona. De manhã perguntei-lhe se não sabia dormir doutros modos. Respondeu-me, com cara de riso, que aquilo era a respirar fundo. — Se isso é a respirar fundo — retorqui eu — não era eu o médico que te mandava respirar.

Pedidos — Não gosto de os renovar, mas agora a necessidade é extrema. Então, lá vai!

Quando aqui chegámos para passarmos os tais desejados dias, não tínhamos fatos de banho ou melhor umas tanguas esburacadas a que tal nome dávamos: outros eram tão grandes que cabiam dois de nós.

Quando chegará o dia em que nos sentimos à vontade na praia podendo olhar e saltar sem vergonha? Esperámos o teu dia, amigo leitor. Quando chegarem ao Tojal, serão para aqui enviados.

E assim me despeço de vós na esperança dum resposta.

Em nome de todos agradece desde já o

Márinho

BELÉM

Cozinha — Aqui há tempos a nossa Mãe pensou em mandar a menina Isaura fazer um curso-retiro para catequistas, mas para isso teve que pensar na maneira de a substituir na cozinha. Foi então que a nossa Mãe me mandou ir para a cozinha, ajudar a Maria de Fátima, que já lá estava. A menina Isaura veio, mas nós continuámos na cozinha e a menina Isaura foi tratar doutros serviços.

Agora a nossa Mãe só cá vem de vez em quando, já está provado que nós somos capazes de nos aguentarmos na cozinha.

Eu antes de ir para a cozinha era da roupa. Agora já sabemos fazer sózinhas o almoço e o jantar, porque as nossas comidas são muito simples. Desde que nós estamos entregues da cozinha, também já se fez doce de pera e de maçã e ficou muito bom. O trabalho da cozinha é mais difícil do que o da roupa, mas eu gosto de ser da cozinha.

A nossa Mãe também disse que se nos portarmos bem nos dá uma grande prenda de aniversário. Eu ando-me a esforçar por fazer o serviço o melhor possível.

Para terminar só conto mais esta: Como nós gostamos do molho do feijão, a nossa Mãe ensinou a engrossá-lo com farinha. Um dia a Sãozita passou pela porta da cozinha e perguntou: «o que é que vocês fazem ao feijão que fica tão bom, mas parece que já está mastigado?».

Lurdes

Regas — Agora quem costuma regar, sou eu e a Marina, e o Senhor Leandro ensina-nos como havemos de fazer. Começamos a fazer mais serviços no campo desde que as duas mulheres diárias deixaram de vir.

Todos os dias regamos com a água que sai do poços. Só não regamos quando há outros trabalhos mais urgentes.

Quando são coisas pequenas e que custam pouco a regar, gosto de regar, mas quando são grandes e parece que nunca mais têm fim, aborreço-me.

Nós já vamos aprendendo a regar, mas quando nos descuidamos e deixamos fugir a água é que é pior, porque estraga-se e as plantas passam sede, começam a secar e já não produzem.

Dos trabalhos do campo que eu gosto mais é de regar.

Depois que as mulheres assalariadas deixaram de vir, foi como se a quinta se tornasse mais nossa, porque andamos mais à vontade e aprendemos muito mais. Quando fazemos alguma coisa mal, ninguém repara, pois andamos a aprender.

Viva a liberdade!

Fátima

A nossa fruta — Cá na nossa quinta tivemos este ano muita fruta, a começar pelas cerejeiras e a acabar nas macieiras. Estas já foram desbastadas, mas ainda estão muito carregadas. A maior parte da fruta que cai é para os porcos comerem na vianda.

Já se venderam muitos abrunhos e peras, com que se ganhou algum dinheiro. Maças ainda não se venderam, porque a maior parte delas ainda estão verdes, mas as maduras, as pessoas não as compram, porque são ácidas.

Na semana passada fizemos muito doce de maçã e de pera. O de maçã foi em maior quantidade porque havia bastantes maçãs ácidas.

Agora só se volta a fazer doce quando a nossa Mãe tiver tempo para isso.

Marina

Coelhos — Agora quem cuida dos coelhos sou eu, a Marina e a Edite. Mas quem arranja a comida para eles sou eu e a Edite. Quando começámos tínhamos ainda bastantes coelhos, mas como nós arranjávamos ervas venenosas, matámos muitos. Agora já andamos mais afinadas, mas de vez em quando ainda lhe deitamos mal a comida e quando a nossa Mãe lá vai ver fica toda zangada. Diz que os pomos a jejuar e depois queremos

arroz de coelho. Mas agora já temos comido alguns. Se queremos comer coelho gordo devemos deitar-lhes bastante comida, mas não ervas venenosas para não os matarmos.

Deus queira que agora os coelhos cresçam e engordem e não morram, senão o mal é nosso.

Fernanda

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

2.100\$00; outro, 900\$; outro, 1.270\$00; a menina Maria Alves P. Ferreira, 50\$; nossa amiga da Igreja da Nazaret, 200\$00; Maria J. F. de Sousa, 50\$00; do menino Jorge de Luanda, roupa com o pedido dum oração; Sr. Armando Lourenço, 150\$00; um visitante, 200\$00; outro 100\$00; Sr. Valente, 100\$00; Srs. Capelães do Negage, 500\$; Sr. Bispo de Silva Porto, 1.000\$; Maria Luiza Costa, 10 toalhas de rosto; da Sra. Maria Cecília P. da Cunha, 5.000\$00; Henrique Lemos Guedes & Irmão dois toros de mocungo, que bom! Que jeito nos faz a madeira. Sr. Dr. Terêncio, 100\$00; Silvina Duarte, desta vez com uma lata de leite; nosso amigo Sr. J. G. dez latas de tinta, precisamente — andamos assustados com as pinturas! Uma anónima das minas do Saia, 50\$00; O Sr. Castro deu-nos uma lata das boas, mas já está quase no fim. Senhora amiga que vende livros para nós, 100\$00; de uma admiradora de Luanda, 50\$00 para um tijolo; Sr. Coronel Braz de Oliveira, 500\$00; Sr. Borges Leitão, 100\$00; Sr. Alvaro Orfão 2 camionetas de areia.

Padre Telmo

Aqui, LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

vida ao serviço dos Rapazes, sem reservas, não para resolver qualquer «caso» pessoal, mas, por vocação autêntica. Fora desta visão será puro equívoco. Servir os Rapazes por amor de Deus e deles próprios é extremamente aliciente, se bem que cheio de inevitáveis cruces. Mas sem Cruz não há Redenção e seguir o Mestre é aceitar o Seu exemplo. Quem será capaz de mergulhar e apegar-se ao sabor de tão grande ideal?

* * *

As obras continuam. As escolas, o salão de festas e a biblioteca serão uma realidade

ainda este ano, assim o esperamos. Elas são a pedra de toque do que se irá seguir, sem caderno de encargos, orçamentos e coisas próprias do mundo... Confiamos firmemente em ver um dia, nas proximidades da Capital, uma Casa do Gaiato segundo os moldes concebidos por Pai Américo, a fim de tirarmos o máximo rendimento dos seus princípios educativos. Os anos que se aproximam serão de esforço insano, a requerer mãos dadas, numa Obra que a todos pertence. Uma certeza: a presença do Pai do Céu; uma promessa: uma pobre vida como penhor do que acima afirmamos. Se vos baterem à porta não vos admireis...

P.e LUIZ



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE